Uma transmissão que se inventa: sobre a formação de um analista e os furos do saber

Guilherme Braga, Simone Ravizzini e Talita Baldin

Resumo

O presente artigo discorre a respeito da transmissão no campo da psicanálise para a formação de um analista. A partir de contribuições de Freud e Lacan, discute-se a possibilidade de uma transmissão na qual a própria posição do analista é reafirmada e simulada por quem ocupa tal ofício. Optamos pela poesia enquanto ponto de partida, e assim recolhemos dela um fator comum ao da posição de um analista: o interesse pelos restos. Nesse movimento, diferencia-se a transmissão da práxis analítica do modo como são adquiridos os saberes calcados em uma lógica positivista, na qual o sujeito do inconsciente não adentra a cena.

Palavras-chave:

Psicanálise em extensão; Invenção; Saber; Conhecimento.

A transmission that is invented: on the formation of an analyst and the gaps in knowledge

Abstract

This article discusses transmission in the field of psychoanalysis regarding the formation of an analyst. Drawing on contributions from Freud and Lacan, it examines the possibility of a mode of transmission in which the analyst's own position is reaffirmed and reenacted by the one who occupies such a function. We chose poetry as a starting point and, from it, extracted a factor shared with the analyst's position: an interest in remnants. In this movement, the transmission of psychoanalytic praxis is distinguished from the way knowledge is acquired according to a positivist logic, in which the subject of the unconscious does not enter the scene.

Keywords:

Psychoanalysis in extension; Invention; Knowledge; Knowing.

Una transmisión que se inventa: sobre la formación del analista y los agujeros del saber

Resumen

El presente artículo aborda la transmisión en el campo del psicoanálisis respecto a la formación de un analista. A partir de las contribuciones de Freud y Lacan, se discute la posibilidad de una transmisión en la cual la propia posición del analista es reafirmada y escenificada por quien ocupa dicho oficio. Optamos por la poesía como punto de partida y, a partir de ella, recogemos un factor común al de la posición del analista: el interés por los restos. En este movimiento, se diferencia la transmisión de la praxis analítica del modo en que se adquieren los saberes sustentados en una lógica positivista, en la cual el sujeto del inconsciente no entra en escena.

Palabras clave:

Psicoanálisis en extensión; Invención; Saber; Conocimiento.

Une transmission qui s'invente : sur la formation de l'analyste et les trous du savoir

Résumé

Le présent article porte sur la transmission dans le champ de la psychanalyse concernant la formation d'un analyste. À partir des apports de Freud et de Lacan, il examine la possibilité d'une transmission dans laquelle la position même de l'analyste est réaffirmée et mise en acte par celui qui occupe cette fonction. Nous avons choisi la poésie comme point de départ et y avons recueilli un élément commun à la position de l'analyste : l'intérêt pour les restes. Dans ce mouvement, la transmission de la praxis analytique se distingue du mode d'acquisition des savoirs fondés sur une logique positiviste, dans laquelle le sujet de l'inconscient n'entre pas en scène.

Mots-clés :

Psychanalyse en extension ; Invention ; Savoir ; Connaissance.

Introdução

Na abertura da coletânea de textos que Lacan (1966/1998) publicou como *Escritos* encontramos os seguintes dizeres: "Queremos, com o percurso de que estes textos são os marcos e com o estilo que seu endereçamento impõe, levar o leitor a uma consequência em que ele precise colocar algo de si" (Lacan, 1966/1998, p. 11). A frase, que encerra a introdução ao livro, sussurra em nossos ouvidos um alerta para o leitor desavisado: de que não se sai ileso da leitura de Lacan, e que não se pode ler como se lê qualquer livro didático. Isso porque sua leitura não proporciona uma "tomada de consciência" dos conceitos lacanianos, mas, para além disso, desvela um caminho que só se ordena através de uma ficção própria, produzida por nós mesmos. Não se trata da pura e simples aquisição de conhecimento sobre um assunto, mas da implicação do desejo de quem se depara com estas letras, enveredando pelo uso singular que inscreve a poesia de cada um de nós.

É assim que Manoel de Barros (2010) nos diz que faz uso da palavra para compor seus silêncios e não para informar qualquer coisa. É também assim que precisamos estar atentos à imparidade da transmissão em psicanálise, visto que seu discurso se distancia da lógica de ensino proposta pelo discurso científico. Afinal, tal qual o poeta, "não somos da informática, mas da invencionática" (Barros, 2010, p. 45).

Também como analistas, lidamos com o não-todo, com o que nos escapa, com o que não é possível de se transmitir. A subversão freudiana consistiu, portanto, em vislumbrar esse novo enlace com o saber, incluindo o não saber, o impossível de se saber, sob a égide do que Freud (1900/2019) nomeou como inconsciente, mesmo almejando em seu percurso um reconhecimento tanto pela ciência quanto pela sua práxis.

Em sua última entrevista, Freud (Viereck & Souza, 2020) aproximou a psicanálise não do conhecimento promovido pela ciência, mas da literatura, na medida em que ambas possibilitam "reordenar os significantes que nos consistem, enrolando-os em nosso carretel singular. [A psicanálise nos] fornece o fio que conduz a pessoa para fora do labirinto do seu inconsciente… ela jamais fecha a porta a uma nova verdade" (Viereck & Souza, 2020, p. 57). O ato analítico nasce então, desde sua criação pelas mãos de Freud, do acolhimento da alteridade, inspirando-se na liberdade do inusitado.

Na mesma entrevista há um alerta para o perigo do engessamento do saber pelos doutos, que desde sua época pretendiam tornar ilegal a psicanálise para os não médicos. Nas palavras de Freud (Viereck & Souza, 2020, p. 55), "os doutores combatem cada nova verdade no começo. Depois procuram monopolizá-la". Assim, seu ato, que dá voz ao nascimento da psicanálise, é transgressor e escapa ao saber corrente. Ele se banha nas entrelinhas do dizer, para além do dito de cada um de nós, e se orienta por essa transgressão, transformando a posição de um sujeito a partir de um dizer.

Também Lacan (1953-1954/1986) se inscreve sob o signo da transgressão desde seu primeiro seminário, sobre os escritos técnicos de Freud. Ali, ele se refere ao mestre budista e ao modo como trata seus discípulos, muito distante de um fornecimento de conhecimento de forma passiva.

> O mestre interrompe o silêncio com qualquer coisa, um sarcasmo, um pontapé. É assim que procede na procura de sentido, um mestre budista, segundo a técnica zen. Cabe aos alunos, eles mesmos, procurar a resposta para suas próprias questões. O mestre não ensina uma ciência já pronta, dá a resposta quando os alunos estão a ponto de encontrá-la. (Lacan, 1954/1983, p. 9)

O analista e sua relação com o (não) saber

Se, conforme orienta Lacan (1954/1983), a cada um cabe procurar resposta para as próprias questões, e só cabe ao analista dar luz a ela quando o analisante já está prestes a encontrá-la, esta maliciosa citação comporta o aroma que permeia seu percurso, dedilhando para a psicanálise e sua formação um lugar distinto do que é esperado para o mestre encarnado no advento da ciência. O saber que ali se cativa coloca o sujeito não como produção desse mestre, mas como aquele que singularmente descortina um saber para si mesmo. Saber esse que é não-todo, incluindo o que a ciência exclui, a saber, o próprio sujeito. Diante disso, uma série de questões quanto à transmissão possível à psicanálise insiste em não nos acomodar a qualquer manual técnico.

Sabemos que Lacan (1980), conforme esclareceu na "Conferência de Caracas", sempre se descreveu freudiano, pinçando do inventor da psicanálise as bases para sua escuta. Freud (1913/2017), por sua vez, nunca pretendeu sufocar a transmissão do que ocorre na clínica com regras preestabelecidas. Ele demarca que uma análise consiste em um jogo que se joga desde que a palavra ficciona caminhos, onde as jogadas não são anunciadas de antemão, mas compostas no passo a passo. Deriva disso a comparação freudiana de que, tal como em um nobre jogo de xadrez, sabemos como uma análise começa e que ela terá um fim, mas nunca quais serão as jogadas nesse ínterim.

Será preciso então sustentarmos, como analistas, a distinção entre a formação analítica e a informação analítica, informação que não é sem interesse, mas que de modo algum comparece como a transmissão analítica. É precisamente nesse ponto que transmissão e formação se articulam, uma vez que a formação analítica não decorre da assimilação acumulativa de conteúdos teóricos, mas da experiência singular que atravessa o sujeito em sua própria análise, da supervisão e da prática clínica. A transmissão em psicanálise não opera como repasse de conhe-

cimento técnico, mas como convocação ética que implica o sujeito em relação ao seu desejo e ao impossível que habita sua prática. Forma-se um analista menos pela aquisição de garantias e mais pela sustentação desse lugar de não saber diante do real.

Em "Análise terminável e interminável", é o próprio Freud (1937/2017, pp. 354--355) quem nos diz:

> Quase parece como se a análise fosse a terceira daquelas profissões impossíveis quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios. As outras duas, conhecidas há muito tempo, são a educação e o governo. Evidentemente, não podemos exigir que o analista em perspectiva seja um ser perfeito antes que assuma a análise, ou, em outras palavras, que somente pessoas de alta e rara perfeição ingressem na profissão. Mas onde e como pode o pobre infeliz adquirir as qualificações ideais de que necessitará sua profissão? A resposta é: na própria análise, com a qual começa sua preparação para a futura atividade.

Nesse sentido, como não se trata de um ser dotado de perfeição, há algo de intransmissível na psicanálise, obrigando cada analista a reinventá-la cada vez que ocupar o lugar de escuta para um psicanalisante. Essa escuta sustenta um toque de Real, presente no percurso singular que se estabelece para o analisando, e coloca o sujeito em ressonância com o que lhe é estranho. Trata-se de um Real distinto do que chamamos na *vida como ela* é de realidade. É Real à medida que escapa ao sentido que consolidamos em nossa história, e insiste em ressoar no corpo fora do sentido. Como atenta Vieira (2021, p. 8), "o importante é marcar que este real na psicanálise não é o inefável silêncio, ele não para de falar sem, no entanto, dizer a última palavra, sem nunca dizer-se integralmente".

A psicanálise, portanto, é habitada por um ponto de silêncio ruidoso que nos constitui desde que nos estruturamos como seres de fala. E é precisamente este o ponto que nenhum significante conquista, onde o que não tem palavras se impõe, e que impede à psicanálise oferecer um manual de instrução definitivo para aqueles que a exercem. Posição esta, inclusive, recusada por Freud (1913/2017, p. 121), ao tratar suas recomendações, "não querendo advogar para elas uma obrigatoriedade absoluta".

De tal forma, não há garantias de saber *a priori*, pois o saber vai se construindo passo a passo, por isso da partida de xadrez. É por haver algo na experiência psicanalítica que não é articulável à teoria que um analista se exime do lugar de detentor das letras que faltam para ensinar o saber viver ao ser de fala. Portanto, um analista, da mesma forma que o mestre budista trazido à cena por Lacan

(1954/1983), precisa aguardar que o analisando construa e invente seu modo próprio de viver. Não sem perdas, não sem o vazio.

Em seu *Seminário 11*, Lacan (1964/1985) problematiza o que seria a formação de um analista. Afinal, o que nos autoriza a ocupar este lugar tão singular? Ali, ele elabora duas questões vitais: quais seriam os fundamentos da psicanálise e o que a estabeleceria como práxis. Podemos dizer que essas questões reverberam ainda hoje, ecoando em nosso fazer, a cada dia, a cada encontro, a cada sessão. Esse é o lugar desassossegado de um analista. Também esse é o lugar não cômodo daquele que se implica na transmissão da psicanálise — uma posição inicialmente marcada por uma simulação.

> É claro, na experiência de todos aqueles que passaram por essa formação, que à insuficiência de critérios se substitui algo que é da ordem da cerimônia, o que, para o de que se trata, só se pode traduzir de uma maneira — a simulação. Pois não há para o psicanalista nenhum além, nenhum além substancial ao qual se pudesse reportar aquilo em que ele se sente fundado para exercer sua função. (Lacan, 1964/1985, p. 224)

Vale ressaltar que, além da análise didática e da própria posição de colocar-se em escuta, o terceiro elemento do tripé, eticamente essencial para a formação do analista e para o exercício de sua práxis é a supervisão (Freud, 1913/2017). Ela esteve presente desde os primórdios da psicanálise, por exemplo, no caso de Bertha Pappenheim, atendida por Breuer: "É provável que a finalidade daquele momento de expor suas observações médicas não servisse a outro propósito que não o de fazer o iniciante Freud refletir e se apoiar na experiência de seu mestre" (Ballão & Darriba, 2012, p. 11). Ballão e Darriba (2012) recordam, ainda, das reuniões de quarta-feira e das correspondências entre Freud e Jung e Freud e Ferenczi.

Tal prática ainda hoje é desenvolvida nos espaços de formação, seja a propriamente psicanalítica, em escolas de psicanálise, seja nas universidades, onde a prática clínica e a supervisão são parte das atividades formativas exigidas para se obter um título de graduação. Deve-se considerar que, diferentemente da oferta nos cursos de graduação em psicologia, por exemplo, de forma alguma a supervisão é algo imposto ao psicanalista, embora se trate de um dever ético: na prática psicanalítica o analisante/psicanalista escolhe seu supervisor e poderá solicitá-lo ou não como analista, o que se difere radicalmente de formação universitária, em que mesmo diante da clínica psicanalítica a supervisão de estágio é um dever formal para completar a formação profissional, e não é ali que se elege necessariamente um analista para si, nem ele deverá se autorizar por si só (Ballão & Darriba, 2012).

O irrequieto Lacan (1964/1985) sublinha tais questões ao conectar o que é crucial em uma psicanálise à formação de um analista. Se em uma análise é preciso acolhermos os restos, os tropeços e as equivocações que apontam para o cintilar do inconsciente, tal pinçar não poderia desaparecer do ensino da psicanálise. É a partir dessa experiência que o jovem candidato a analista poderá pensar sobre seu desejo de atendimento no encontro com seus pacientes, de modo a construir um caminho próprio, apoiado em uma ética que está para além do suporte recebido pelo saber atribuído ao discurso científico (Ballão & Darriba, 2012). Diferentemente desses outros saberes, a psicanálise não se ancora na aquisição de conhecimento de forma positivista, nem em um somatório de experiências calcadas em evidências e estatísticas. Não é isso que nos tornará aptos à escuta do outro, nem mesmo da aquisição acumulativa de técnicas a serem aplicadas sobre os sujeitos (Lacan, 1953-1954/1986).

> Freud avançava numa pesquisa que não é marcada pelo mesmo estilo que as outras pesquisas científicas. O seu domínio é o da verdade do sujeito. A pesquisa da verdade não é inteiramente redutível à pesquisa objetiva, e mesmo objetivante, do método científico comum. (Lacan, 1953-1954/1986, p. 33)

O pai da psicanálise nos alerta, com sua escuta, ser preciso "recusar todos os métodos de apoio" (Freud, 1913/2017, p. 93). Está lá, em suas recomendações, por exemplo, quando nos orienta a não tomar notas, favorecendo a atenção flutuante. Isso posto, reverbera-se novamente a pergunta: como assegurar este lugar tão almejado por quem inicia tal jornada, não prescindindo de um saber não sabido e do real de que consiste o ser de fala?

De acordo com Lacan (1964/2003), em seu "Ato de fundação" da Escola psicanalítica, trata-se de procurar restaurar nessa transmissão a ceifa cortante da verdade freudiana, a partir do campo que foi por ele aberto. Não podemos nos cegar com as concessões imaginárias que afagam e deslumbram nosso eu, através das idealizações dos lugares de mestria. Estamos na contracorrente de enlaces atuais que visam um enaltecimento da imagem, um "empoderamento" do eu, pois somos constituídos na fratura. Necessitamos da gambiarra e de seu estilo de composição.

Ficamos com Vieira (2024, p. 2) ao afirmar que:

> No campo político, como o da fundação de uma associação de analistas, Lacan partirá da mesma ideia: a de que se o objeto da psicanálise e seu sujeito são instáveis, não há como definir de maneira inequívoca aquilo com o que lidam os praticantes da psicanálise. Por extensão, não há como definir o analista de maneira segura. Não somos como o pescador que pode mostrar seu peixe. Nem mesmo se pode dizer que se é analista por ter

> produzido este ou aquele efeito, pois os efeitos são também variáveis e subjetivos. A conclusão se impõe: Não há carteira de identidade do analista.

Diante dessa perspectiva, sustentamos que o ensino da psicanálise não pode ser equivalente ao ensino dispensado nas escolas ou nas universidades, embora coexistindo com elas. Ele é um saber calcado em um impossível de dizer, distante da ideia de desempenho ou mesmo de eficácia, tão afeitos ao discurso capitalista (Lacan, 1969-1970/1992). Ele comparece como uma forma peculiar de ensino que abre espaço para a invenção singular de cada um de nós.

Nesse ínterim cabe citar o próprio Freud (1919/2010), que nos lança como pergunta se deve-se ensinar psicanálise nas universidades. No pequeno texto, sua proposição é efusiva: pouco ganha a psicanálise ao adentrar no espaço das universidades, pois ela já tem seu próprio lugar por fazer e ali não se formam analistas. Por outro lado, a medicina, disciplina com que trabalhava à época, e incluiremos a psicologia, a sociologia, a filosofia etc.; ao se aproximarem da teoria psicanalítica, se enriquecem, pois os estudantes ganham instrumentos de leitura do sofrimento psíquico, ampliando a compreensão da psicopatologia, assim como dos estudos da cultura, da arte e da religião.

Ou seja, como saber teórico, há lugar para a psicanálise nas universidades, mas a universidade não pode formar psicanalistas, porque a formação analítica exige algo que o ensino acadêmico não oferece, uma vez que não se faz psicanálise sem o tripé da análise pessoal, supervisão clínica e experiência prática contínua. Esses elementos não podem ser transmitidos por aulas expositivas, correndo-se o risco de intelectualizá-los e torná-los abstratos, ou de perder sua dimensão clínica, ética e experiencial. Assim, em síntese, no ensino universitário, a psicanálise pode ser introdutória e crítica, mas não formativa (Freud, 1919/2010).

Em contraste com o saber universitário, no qual o diploma advém enquanto garantia de um saber transmitido, ou ainda, na concretização de que o profissional está apto a exercer sua função; a psicanálise propõe uma reorientação em seu campo. Ao esquematizar a teoria dos discursos em *O avesso da psicanálise*, Lacan (1969-1970/1992) remonta a posição do analista enquanto semblante de objeto *a*.

Figura 1. O discurso do analista.



Fonte: Almeida, 2010, p. 895.

Ao ocupar a posição de agente — ou semblante — como objeto *a*, o analista abarca em si a opacidade resultante de um resto da operação significante, o que possibilita que o analista não seja capturado por um saber dominante que o representa na sua ocupação clínica, ou que se confunde com os dizeres do analisante. A respeito da particularidade dessa posição, Lacan (1969-1970/1992, p. 143) afirma:

> O que distingue a posição do analista — não vou hoje escrevê-la no quadro com a ajuda do meu pequeno esquema, no qual a posição do analista está indicada pelo objeto *a*, no alto e à esquerda —, e este é o único sentido que se pode dar à neutralidade analítica, é a não participação nessas paixões. Isto faz com que ele fique todo o tempo numa região incerta, vagamente em busca de ficar sintonizado, de ficar-por-dentro do que corresponde ao saber, que entretanto repudiou.

Portanto, se o saber universitário possibilita ao profissional formado calcar seu percurso a partir do momento da certeza ou da averiguação de carteirinhas e registros, o analista está substancialmente inscrito em um outro registro. Essa região incerta viabiliza ao analista não aplicar ao analisando nenhum saber elaborado *a priori*, sustentando uma ausência presentificada na sua própria posição no discurso. O subversivo desse discurso, nos diz Lacan (1969-1970/1992, p. 73), é "não pretender uma solução".

Cabe a um analista não se confundir com o holofote da mestria, abrindo mão desse suposto lugar de saber e da perspectiva de restituição de uma pretensa unidade para o sujeito. Seguir por aí seria o que Goldberg e Vives (2025, p. 81) apontam como o que de pior poderíamos esperar de uma psicanálise: "o psicanalista realizar sua fantasia (que por estrutura pode ser qualificada como perversa), de forma não barrada, colocando o psicanalisando na posição reiterada de objeto". Na verdade, os pacientes somos nós: diante do tempo do outro, de seu inexorável gozo, de sua singularidade, do que é impossível de se restituir, de suas gambiarras, para viver diante do real.

Assim, retomamos as questões que nos conduziram até aqui: como transmitir o que se trata para a formação de um analista sem nos empanturrarmos com idealizações? Como sustentar qualquer transmissão sem se propor a ser um mero instrumento de informação? Como pressupor, por exemplo, uma disciplina de clínica psicanalítica, ou um curso de pós-graduação em clínica psicanalítica, sem ter como prioridade um título acadêmico ou o aval para o exercício profissional, mas convocar o sujeito a participar deste percurso, suscitando seu desejo nessa transmissão?

Sem pretensão de fechar qualquer uma dessas questões, parece-nos valoroso fazer uma aposta no coletivo, pois é por meio do encontro que se produz um espaço

para a invenção ímpar de cada um, e é aí que a psicanálise se faz possível. Essa criação depende de cada grão fertilizado tanto pelo rumor das palavras, quanto pelos restos de dizer que não fazem sentido. Essa seria a aposta em uma transmissão próxima da verdadeira psicanálise, isto é, de uma "psicanálise divertida" (Lacan, 1953-1954/1986, p. 106). Se na literatura de Manoel de Barros (2010, p. 45) fazer "poesia é voar fora da asa", na psicanálise escutamos fora do ouvido.

Considerações finais

Escrever a respeito da transmissão em psicanálise implica também interrogar os modos de formação do analista, uma vez que, nesse campo formar-se não corresponde à aquisição de um saber completo, mas à sustentação de uma posição ética diante do não saber e do real que atravessa a experiência analítica. Orientamo-nos por uma via que não oferece garantias e na qual as dúvidas e o não saber são sustentados. Em detrimento da aposta em uma completude vindoura, o analista carrega consigo a marca de uma ausência, presentificada pelo que Lacan (1972-1973/1985, p. 102) chama de "semblante de objeto *a*".

Trata-se justamente de transmitir isso que escorre pelos dedos, que tem face de real e resiste em não se enquadrar na significação. A posição de analista é composta sobretudo pelo seu desejo de escuta, onde carrega as marcas indispensáveis de sua análise pessoal. Essa experiência não se transmite por manuais, mas no corpo, e o analista, nessa perspectiva, recusa os crachás, carteirinhas ou conselhos. A essas artimanhas, recheadas de certeza, Lacan aponta como enganos do imaginário. Afinal de contas, a transmissão tem um toque de real, onde o material de trabalho está não nas evidências, mas nos tropeços. É uma aposta inventiva, acolhedora da poética de um sujeito.

Referências bibliográficas

Almeida, R. C. A. (2010). O discurso do analista e a invenção de uma escola em movimento. *Revista Mal-estar e Subjetividade, 10*(3), 887-911.

Ballão, C. M.; & Darriba, V. A. (2012) Ainda a psicanálise na universidade: notas sobre estágio e supervisão. In R. S. Guimarães & R. R. Silva. *Supervisão em psicologia*. Curitiba: CRV.

Barros, M. de. (2010). O apanhador de desperdícios. In M. de Barros. *Poesia completa*. São Paulo: Leya.

Freud, S. (2010). Deve-se ensinar a psicanálise na universidade? In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 17, pp. 169-177). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)

Freud, S. (2017). Sobre o início do tratamento. In S. Freud. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1913)

Freud, S. (2017). Análise terminável e interminável. In S. Freud. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1937)

Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 4). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900)

Goldberg, L., & Vives, J.-M. (2025). *Os desafios da transgressão na direção do tratamento. O que é um ato analítico?* São Paulo: Aller.

Lacan, J. (1980). Conferência de Caracas. In J. Lacan. *Como se trabalha num seminário* (pp. 51-57). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)

Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)

Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)

Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)

Lacan, J. (1998). *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)

Lacan, J. (2003). Ato de fundação. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)

Lacan, J. (2007). *O seminário: livro 23: o sinthoma* (S. Laia, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1976)

Vieira, M. A. (2021). *Trindade infernal*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Vieira, M. A. (2024). *Uma leitura do ato de fundação*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise.

Viereck, G. S., & Souza, P. C. (2020). O valor da vida (uma entrevista rara de Freud). *Ide*, *42*(69), 11-15. Recuperado em 27 de janeiro, 2026, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062020000100002&lng=pt&tlng=pt

Recebido: 06/02/2026

Aprovado: 03/08/2026